



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

AMUD, Margareth Veltrini. Reich e a ciência moderna – A atualidade da teoria reichiana. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

1

REICH E A CIÊNCIA MODERNA A ATUALIDADE DA TEORIA REICHIANA

Margareth Veltrini Amud

RESUMO

A Teoria Reichiana entende a vida a partir de uma energia biológica específica que influencia a construção do ser vivo e participa ativamente do seu desenvolvimento ontológico. Da mesma forma, ao nos defrontarmos com as mais recentes teorias nos campos da Biologia, da Química e da Física, vemos que elas se adéquam perfeitamente à visão de mundo proposta por Reich. São entendimentos que, ao tempo em que transcendem o mecanicismo e nos oferecem novas possibilidades, também nos alertam para nossa responsabilidade e participação nos processos da vida.

Palavras-chave: Biofísica. Ciência. Emoção. Energia. Saúde.

.....

Passados já mais de cinquenta anos da morte de Reich, podemos facilmente perceber que sua teoria não teve ainda o reconhecimento merecido e que, apesar da importância de seus estudos e descobertas, a maioria deles continua praticamente desconhecida. Este fato nos surpreende, pois o trabalho desenvolvido por Reich oferece novas perspectivas para muitos problemas atuais, principalmente na área da saúde, onde temos ainda hoje tantas perguntas sem respostas.

Uma das possíveis razões para esta aparente rejeição pode ser o fato de que Reich foi um homem que viveu à frente do seu tempo. Sua teoria aponta caminhos que exigem transformações para as quais a sociedade da sua época não estava preparada.

Da mesma forma, entretanto, que as descobertas de Reich só agora começam a ser melhor compreendidas, muitas outras descobertas científicas que aconteceram a partir da primeira metade do século XX estão sendo, atualmente, objeto de maior atenção e entendimento, pelo menos no que se refere às suas implicações e aplicações na área da saúde. Todo esse conhecimento, curiosamente, tem em comum uma compreensão que não aceita uma concepção mecanicista, dualista, estática e causal da vida, mas sim



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

AMUD, Margareth Veltrini. Reich e a ciência moderna – A atualidade da teoria reichiana. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

2

considera a realidade a partir da sua natureza energética, múltipla, dinâmica e aberta a muitas possibilidades. Neste sentido, a Teoria Reichiana tem se mostrado extremamente atual. A integração entre os conceitos de energia, emoção e doença, na forma como o faz Reich, remete inevitavelmente a uma compreensão da vida que hoje nos é trazida pelas teorias mais atuais, principalmente nos campos da Biologia, da Química e da Física Moderna.

O eixo central impulsionador da pesquisa de Reich é sua busca incessante de respostas para compreender “o que é a vida”. Nesta busca, começa a entender o ser vivo a partir de uma energia específica, envolvida em todos os processos vitais e funcionando em mecanismos de carga e descarga. Descobre que o equilíbrio funcional dos organismos depende do livre fluxo desta energia e da capacidade plena do organismo manter sua pulsação natural. A partir da sua prática clínica, Reich (2009) cria o que ele chama de Economia Sexual e começa a entender o orgasmo como um fenômeno biológico fundamental, um mecanismo de carga e descarga energética, que ocorre na raiz do funcionamento biológico e envolve todo o sistema plasmático. Ele observa que este funcionamento se aplica a todos os seres vivos e também a todas as funções do sistema vital autônomo. Tudo funciona a partir desse ritmo, diz ele, mesmo a divisão celular, os movimentos dos protozoários e metazoários, o coração, os intestinos, etc., parecendo existir uma lei básica que governa todos os organismos. Descobre, também, que distúrbios nesse mecanismo de carga e descarga podiam provocar doenças, físicas e psíquicas, e que esses distúrbios decorrem de couraças, que seriam contrações musculares crônicas em algumas regiões do corpo, formadas em função de “distorções dos modos de expressão naturais do organismo vivo” (REICH, 1998, p. 334). Além disso, comprova que a emoção está intimamente ligada a este funcionamento, considerando-a, fundamentalmente, um movimento plasmático.

Ampliando suas pesquisas, Reich (2009), também começa a observar a germinação das plantas, o desenvolvimento de embriões, a produtividade dos organismos, enfim, a forma como a vida se desenvolve, percebendo que há uma energia governando o trabalho da substância viva, com a qual nenhuma



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

AMUD, Margareth Veltrini. Reich e a ciência moderna – A atualidade da teoria reichiana. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

3

energia conhecida pode competir. Suas pesquisas levam-no à descoberta de uma energia que se manifesta nos organismos vivos como uma energia biológica específica, que ele chamou orgone. Mais tarde ele ainda descobre que esta energia orgone existe também na atmosfera, e que os organismos podem carregar-se dessa energia, chamando-a, então, energia orgone cósmica. Reich (2009) explica que o termo orgone, que deriva das palavras organismo e orgástico, define o organismo vivo como um sistema orgonótico, uma “estrutura membranosa que contém nos fluidos de seu corpo uma quantidade de energia orgone” (p. 31). Segundo Reich (2003) a descoberta da energia orgone cósmica dá-se a partir de sua descoberta básica e fundamental: “a função da pulsação orgástica do plasma” (p. 5), que permitiu o entendimento do processo da vida desde o que ele chamou de “funcionalismo orgonótico”.

Ao estudar as formas de expressão do ser vivo Reich, cada vez mais, observa a importância da emoção, confirmando que ela é um movimento plasmático, o que o leva a afirmar que “a energia orgone cósmica funciona no organismo vivo como energia biológica específica e que, como tal, governa todo o organismo: se expressa tanto nas emoções quanto nos movimentos puramente biofísicos dos órgãos” (REICH 1998, p.330). Na seqüência desse mesmo pensamento, afirma Reich:

O conhecimento das emoções humanas tem um grande papel na pesquisa do orgone, não somente na compreensão das funções básicas da energia orgone, como principalmente na compreensão das reações humanas à existência de uma energia cósmica universal que, na dimensão da vida, funciona como “energia biológica”, a energia das nossas emoções. (REICH 2009, p. XIX).

Federico Navarro, responsável pelo aprofundamento da teoria Reichiana no campo das desordens orgânicas já nos aponta para esta direção:

Do ponto de vista neuropsicológico, deve-se dizer que cada estímulo sensorial determina uma percepção, que pode ser gratificante ou frustrante, e para a qual haverá uma resposta parassimpática ou simpática. Essa resposta é veiculada pela circulação sanguínea, cuja cota energética está ligada não somente aos glóbulos vermelhos e aos hormônios, mas, sobretudo, aos íons plasmáticos, que possuem uma carga energética específica (NAVARRO, 1995, p. 26).

Ainda sobre as desordens orgânicas Reich diz que uma biopatia tem origem numa contração do Sistema Nervoso Autônomo e “altera toda a função



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

AMUD, Margareth Veltrini. Reich e a ciência moderna – A atualidade da teoria reichiana. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

4

biológica da pulsação plasmática do organismo” (NAVARRO, 1991, p.9). O autor explica que, numa biopatia, há uma retração em nível celular, diminuindo a vitalidade da célula, sendo que “a disfunção precede a transformação morfológica do tecido” (p.10). Diz ainda que o ritmo biológico ou pulsação plasmática tem a função de enviar energia do centro para a periferia, mas que, numa biopatia, há uma disfunção desse movimento. Tal disfunção é determinada por uma deficiência de descarga energética celular que provoca uma estagnação de energia, ou por um excesso de descarga energética que decorre de uma contração crônica.

Como vimos, a Teoria Reichiana propõe um entendimento sobre os processos do adoecer que nos permite ir além da dicotomia soma/psique, pois, segundo ela, a própria construção do organismo acontece a partir de uma energia cujo funcionamento se enreda na vivência emocional. O conceito de emoção como movimento plasmático influenciando o aparecimento de doenças a partir de corações, juntamente com a concepção dos seres vivos a partir de seu funcionamento energético, nos remete a algumas questões essenciais das mais recentes teorias científicas.

A história da Física Moderna começa, diz Capra (1999), quando os investigadores Maxwell e Faraday, ultrapassando os conceitos da Física Newtoniana, criam o conceito de campos de força, entendendo-o como uma realidade própria passível de ser descrita sem referência a corpos materiais. Depois disso, diz Strathern (1998), vem o novo modelo de átomo, de Rutherford, que também contraria as leis da Física Clássica. Na virada do século XX, continua Strathern, Max Planck descobre que a luz, ou radiação eletromagnética, comporta-se como onda e também como partícula, chamando essas ondas-partículas de quanta. Em 1905 Einstein confirma a “teoria quântica” de Planck usando-a para explicar o efeito fotoelétrico. Continuando seu relato, Strathern (1998) nos conta que Niels Bohr, estudando o modelo de átomo de Rutherford, consegue explicá-lo pela teoria quântica, entendendo que a energia é emitida quando o elétron “salta” de uma órbita mais alta para uma mais baixa, e é absorvida quando este “salta” de uma órbita mais baixa para uma mais alta. A teoria quântica, junto com a explicação de Einstein para o



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

AMUD, Margareth Veltrini. Reich e a ciência moderna – A atualidade da teoria reichiana. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

5

efeito fotoelétrico, confirma e amplia a noção de Planck, tornando-se essencial ao entendimento dos fenômenos subatômicos. As idéias de Bohr, no entanto, são consideradas absurdas, pois mostram que a base fundamental da matéria repousa em algo completamente instável.

Em 1925, diz Strathern (1998), foi a vez de Heisenberg, propondo o “princípio da incerteza”. Sobre isto, Bohr já havia advertido que qualquer observação sobre o comportamento do elétron no átomo era acompanhada de uma mudança no estado deste, e em 1927 divulga o “princípio da complementaridade”, explicando que uma entidade se comporta como partícula ou como onda, dependendo do instrumento utilizado para aferir seu comportamento.

Conforme conta Strathern (1998), a Teoria Quântica diz que “partículas subatômicas não obedecem às leis da física clássica e que entidades como os elétrons podem existir como duas coisas diferentes ao mesmo tempo – matéria ou energia, dependendo de como são medidas” (p.7). Diz também que Einstein, ao aplicar o princípio da relatividade às equações de Maxwell para a teoria eletromagnética da luz, descobre que massa, energia e velocidade estão, de algum modo, interligados, o que o leva, após dois anos de cálculos matemáticos, à famosa equação $E=mc^2$. Einstein ainda produziu, em 1916, sua teoria da relatividade geral, mostrando que o espaço é curvo em função da presença da matéria e confirmando que o espaço e o tempo não existem como entidades absolutas, mas apenas agem como uma quarta dimensão em um continuum espaço-tempo.

Todas as tentativas de unir os conhecimentos da teoria da relatividade aos conhecimentos da teoria quântica em um único sistema explicativo do Universo, até hoje, não tiveram o sucesso pretendido e muitos cientistas encaminham suas pesquisas nesta direção. Einstein era um dos que trabalhavam neste sentido. Outros cientistas, no entanto, continuam suas pesquisas entendendo que todas as descobertas serão sempre explicações parciais e que estamos muito longe de compreender totalmente nosso Universo, chegando alguns até a duvidar dessa possibilidade. Seja qual for a teoria ou a linha de pesquisa, no entanto, sempre haverá críticas e



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

AMUD, Margareth Veltrini. Reich e a ciência moderna – A atualidade da teoria reichiana. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

6

posicionamentos contrários, mas uma linha de pesquisa que responde a várias questões que ainda hoje se apresentam como desafios, é a proposta por David Bohm.

Bohm (2001), opondo-se à teoria da complementaridade de Bohr, diz que o elétron se comporta a partir do que ele chama de “potencial quântico”, que seria um “campo” informativo através do qual o elétron recebe informação sobre o resto do universo físico, sendo seu comportamento, como partícula, determinado por estas informações chamadas “variáveis ocultas”. Seria um tipo de “conexão não-local” explicada através dos conceitos de holomovimento, ordem implícita e ordem explícita. Bohm chama ordem explícita à dimensão em que a matéria tem graduação densa e onde só o que alcançamos é sua descrição em si mesma, o que torna difícil explicá-la e entendê-la com clareza. Ordem implícita, por sua vez, é explicada por ele como a totalidade abrangente que não se manifesta a nós senão parcialmente, dimensão em que acontecem as conexões, não a partir de localizações no tempo e no espaço, mas através de algo de uma qualidade inteiramente diversa, que ele chama de abrangência. Sobre este assunto, David Pratt nos conta que Bohm entende as partículas subatômicas, como os elétrons, como entidades dinâmicas, extremamente complexas, cujos movimentos seguem um caminho preciso, que, todavia, não é determinado apenas por forças físicas convencionais, mas também por uma força mais sutil, que ele denominou potencial quântico. Este é um conceito de algo que permeia todo o espaço, promovendo uma interconexão entre partículas subatômicas através de uma dimensão não-local, ou seja, um modo de comunicação instantâneo, não temporal e não espacial, conhecido como efeito Aharonov-Bohm. Em 1959, Bohm e Aharonov observaram que elétrons reagem a um campo magnético que estava próximo, mas longe do alcance da localização dos elétrons, demonstrando a existência de “algo”, através do qual uma partícula “sente” ou recebe informações do sistema como um todo. Pratt esclarece que ainda não se tem uma explicação decisiva para esta propriedade ou comportamento das partículas subatômicas, mas alguns físicos, entre eles Jean Paul Vigiier e vários outros do Institut Henri Poincaré, sugerem que o fenômeno pode ser entendido admitindo o envolvimento de uma energia mais



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

AMUD, Margareth Veltrini. Reich e a ciência moderna – A atualidade da teoria reichiana. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

7

sutil, explicando o potencial quântico a partir da existência de um éter subjacente.

Vemos aqui que o entendimento Reichiano se integra perfeitamente a esta forma de entender o mundo material, tanto no que diz respeito à existência de uma energia intrínseca à matéria, em nível celular, molecular, microcósmico, quanto ao fato de conceber, também, uma energia permeando todo o espaço.

Mas não é apenas no campo da Física Moderna que a Teoria Reichiana integra-se perfeitamente. As mais modernas teorias nas áreas da Biologia e a da Química têm também muito em comum com as descobertas de Reich.

Quando entramos no campo da Biologia, a primeira pergunta que se apresenta é sempre: o que é a vida? O “estudo da vida”, no entanto, remete a um questionamento que a ciência não consegue responder, pois o fenômeno da vida não pode ser explicado ainda de maneira inequívoca. Talvez por isto a Biologia tenha se obrigado a considerar a vida a partir apenas da descrição físico-química e do funcionamento dos (macro) elementos constituintes dos seres vivos.

Trazendo uma visão que amplia nossa compreensão, os biólogos Humberto Maturana e Francisco Varela (2007), partem do estudo da dinâmica celular e desenvolvem o conceito de “autopoiese”, utilizando-o para definir os seres vivos como sistemas que produzem a si mesmos. Para eles, todo sistema vivo é, ao mesmo tempo, produtor e produto, autônomo e dependente, ou seja, ao tempo em que são autônomos ao produzir sua dinâmica constitutiva, dependem do meio ambiente para obterem os recursos para sua auto-construção. Para Mariotti (2000), é uma condição paradoxal que não pode ser compreendida de forma adequada pelo pensamento linear, mas só por um sistema de pensamento que integre o raciocínio sistêmico e o linear, como o pensamento complexo proposto por Edgar Morin.

O conceito de autopoiese traduz o entendimento da célula ao mesmo tempo como estrutura e organização, ou seja, como nos explica Capra (2001), a célula se caracteriza por uma membrana que define suas fronteiras, dentro das quais, o que existe é uma complexa rede de sistemas metabólicos envolvendo basicamente dois tipos de macromoléculas – proteínas e ácidos



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

AMUD, Margareth Veltrini. Reich e a ciência moderna – A atualidade da teoria reichiana. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

8

nucléicos – através das quais a célula, tomando nutrientes do mundo externo, define-se a si mesma através de uma cadeia de reações que produzem os componentes celulares, inclusive a própria membrana.

É um entendimento que nos remete a outro conceito importante ao nosso tema, o conceito de “estruturas dissipativas”, desenvolvido por Ilya Prigogine, por cujo trabalho recebeu o Nobel de Química de 1977. Sobre isto, Capra (2001) explica que, em termos biológicos, um sistema vivo é um sistema operacionalmente fechado, ou seja, é uma rede autopoietica, e ao mesmo tempo é um sistema aberto, em função do fluxo de matéria e energia com o meio. A teoria da autopoiese, no entanto, diz ele, não faz referência ao crescimento físico, ao desenvolvimento e à evolução, que são características essenciais da vida e conseqüências da emergência, que caracteriza a dinâmica dos sistemas abertos. Estruturas Dissipativas, continua o autor, são sistemas abertos que se mantêm longe do estado de equilíbrio, numa dinâmica que inclui a emergência espontânea de novas formas de ordenação no que se refere à estabilidade do sistema. De acordo Fiedler-Ferrara (2003), Estruturas Dissipativas são fenômenos de criação de ordem longe do equilíbrio termodinâmico. Prigogine, diz ele, observou que longe do equilíbrio termodinâmico, na presença de fluxos de energia e de matéria mantidos a partir do exterior do sistema, não existe um princípio termodinâmico único que possa determinar a evolução do sistema; essa evolução deve ser estudada introduzindo a dinâmica, utilizando, para tanto, métodos e conceitos apropriados a cada problema. Se voltarmos a Maturana e Varela (2007), veremos que os seres vivos são determinados por sua estrutura, que é a maneira como seus elementos interagem sem mudar a organização. A organização é o que define tanto o sistema quanto sua configuração, enquanto a estrutura fala do modo como seus elementos interagem para que o sistema funcione, quer dizer, há um determinismo estrutural que, no entanto, não pode ser pré-determinado, pois a estrutura muda constantemente de acordo com o fluxo que estabelece com o meio, fluxo que, segundo Prigogine, opera longe do equilíbrio como fenômeno de criação que não obedece a um princípio único, mas só pode ser descrito a partir da sua própria dinâmica.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

AMUD, Margareth Veltrini. Reich e a ciência moderna – A atualidade da teoria reichiana. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

9

O que podemos entender de todos esses conceitos complexos é que os seres vivos não são pré-determinados, ou seja, eles determinam-se a si mesmos e se auto-constróem a partir das interações que estabelecem com o meio. Numa dimensão microcós mica, podemos entender que todos os elementos constituintes do ser funcionam dessa maneira, até as células e, caminhando um pouco mais, até o nível subatômico, veremos que as partículas subatômicas também não existem como determinação, apenas a partir das conexões que estabelecem.

Este é um entendimento que nos remete à proposta de Ramos (1998), para quem o ser humano vivencia o nível quântico do seu ser através das experiências psicológicas. A autora chama de Ciência do Sentir o entendimento muito bem fundamentado de que, se nos constituímos de átomos, que no nível micro são de natureza energética e vibratória (lembrem-se que as partículas também são ondas), essa dimensão vibratória corresponde ao que experimentamos como os sentimentos. Ramos (1998) ainda diz:

o ser humano é um complexo macromicro que em nível macrocós mico se apresenta biológico e em nível microcós mico se apresenta psicológico. Bio é psíquico e psíquico é bio, ou seja, são a mesma coisa, um complexo macromicro (pg.103).

A compreensão de Ramos nos permite integrar os conhecimentos já apresentados nos campos da Física, da Química e da Biologia e nos remete também, de uma forma profunda e coerente, à Teoria Reichiana.

A partir de Reich podemos entender o organismo como um sistema biológico/energético/emocional autopoietico funcionando a partir das leis da termodinâmica, ou seja, nossas células vão se autoconstruindo a partir de trocas (energéticas/biológicas) com o meio externo, trocas estas que vão acontecendo longe de uma condição de equilíbrio. Isto significa dizer que a célula vai se estruturando a partir da forma como ela própria organiza suas trocas com o meio. Além disso, devemos lembrar que nosso sentimento influi neste processo, pois nossa interpretação das situações dispara comandos para o sistema endócrino, liberando substâncias e alterando a dinâmica celular. Também devemos lembrar que a localização das coraças coincide com a



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

AMUD, Margareth Veltrini. Reich e a ciência moderna – A atualidade da teoria reichiana In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

10

localização das principais glândulas endócrinas. Diante de tudo isto, se considerarmos a tese de Ramos (1998), de que experienciamos psicologicamente o nível micro da matéria e lembrarmos que as couraças decorrem de distúrbios no mecanismo de carga e descarga energética, podemos supor que os elétrons, comunicando-se a partir de conexões não locais (potencial quântico) estariam interferindo diretamente na dinâmica celular a partir da emoção. Diante disso poderíamos, então, perguntar: Seriam nossos sentimentos uma “variável” interferindo nas conexões e na forma como se manifesta nossa matéria? E, interferindo no nível subatômico, estariam interferindo na dinâmica celular? Em resumo, seriam os seres vivos uma complexa rede autopoietica funcionando a partir de sistemas abertos, onde os sentimentos, regulando as conexões dos elétrons através do potencial quântico, estariam interferindo na organização e na estrutura da célula e, em última instância, na estrutura da matéria?

São perguntas, e é sabido que, no campo da Ciência, mais do que as respostas, que são sempre provisórias, são as perguntas que impulsionam a reflexão e a busca de novos conhecimentos. O que pretendemos, com estas perguntas, é provocar uma ampliação de consciência na forma de olhar a vida, o mundo e, conseqüentemente, a nós mesmos. A Ciência está dizendo que nossa realidade material é dinâmica, de natureza energética e se constrói a partir de relações e conexões onde nossas emoções estão intimamente envolvidas. O que vamos fazer com isto? Podemos assimilar estas informações racionalmente e lidar com elas apenas num nível teórico, ou, podemos, corajosamente, ampliar nosso olhar e arriscarmo-nos a tentar entender nossa saúde de uma perspectiva que, ao tempo que nos oferece possibilidades, nos mostra a necessidade de assumirmos a responsabilidade sobre a nossa própria vida.

REFERÊNCIAS

BOHM, D. **A Totalidade e a Ordem Implicada**. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1999.

CENTRO REICHIANO DE PSICOTERAPIA CORPORAL LTDA

Av. Prof. Omar Sabbag, 628 – Jd. Botânico – Curitiba/PR – Brasil - CEP: 80210-000
(41) 3263-4895 - www.centroreichiano.com.br - centroreichiano@centroreichiano.com.br



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

AMUD, Margareth Veltrini. Reich e a ciência moderna – A atualidade da teoria reichiana In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

11

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos seres vivos.** 6ªed. São Paulo: Cultrix, 2001.

FIEDLER-FERRARA N. **Ilya Prigogine.** Boletim Informativo do Instituto de Física – USP n. 16, 06 junho 2003 <<http://www.if.usp.br/bifusp/bifold/bif0316.html>> acesso em 14 agosto 2011.

MATURANA H. R.; VARELA F. J. **A árvore do conhecimento.** As bases biológicas da compreensão humana. 6ªed. São Paulo: Editora Palas Athena, 2007.

MARIOTTI, H. **Autopoiese, Cultura e Sociedade.** 15 Janeiro 2000. Artigo disponível em <<http://WWW.geocities.com/pluriverso/autopoieses.html>> Acesso em 20 janeiro 2009.

NAVARRO, F. **Somatopsicodinâmica das Biopatias – interpretação reichiana das doenças com etiologia “desconhecida”.** Rio de Janeiro: relume-Dumará, 1991.

NAVARRO, F. **A Somatopsicodinâmica – sistemática reichiana da patologia e da clínica médica.** São Paulo: Summus, 1995.

PRATT, D. **David Bohm e a ordem implícita.** San Diego: revista Sunrise, Fevereiro / Março de 1993. Copyright © 1993 por Theosophical University Press). Disponível em <<http://www.theosophy-nw.org/theosnw/science/prat->

RAMOS, M. B. B. **Macromicro: a ciência do sentir – uma visão revolucionária do ser humano, a partir da física quântica, da teoria da relatividade, da psicanálise, da biologia e das artes.** Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

REICH, W. **Análise do Caráter.** 3ª ed. São Paulo: Martins fontes, 1998.

REICH, W. **O Éter, Deus e o Diabo.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

REICH, W. **A Biopatia do Câncer.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

STRATHERN, P. **Bohr e a Teoria Quântica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

.....

AUTORA

Margareth Veltrini Amud é psicóloga (crp 12/06306), especializada em Psicologia Corporal pelo Centro Reichiano, Pr, especializada em Terapia Transpessoal pela Alubrat, Licenciada em Ciências pela Fafiu, Pr.

Email: margareth.amud@gmail.com

CENTRO REICHIANO DE PSICOTERAPIA CORPORAL LTDA

Av. Prof. Omar Sabbag, 628 – Jd. Botânico – Curitiba/PR – Brasil - CEP: 80210-000
(41) 3263-4895 - www.centroreichiano.com.br - centroreichiano@centroreichiano.com.br